

# lua de sangue



Queridos leitores,

Na verdade, a data em que tudo começou foi por volta do dia 10 de dezembro de 2015. Eu me lembro que estava no banho e, de repente, aquele insight, que arrancou minha vida de mim por meses, dominou meus pensamentos. Comecei a rascunhar por horas e horas a cena inicial em minha agenda e depois dezenas de detalhes e informações. Não podia sair de casa sem ter uma “folha amiga” ao meu lado para anotar novas ideias. Após essa experiência, entendi melhor o significado de “obsessão”.

Eu sabia que tinha uma história para contar, diferente daquelas que se costuma ler, e para que seguisse em paz com meus compromissos do dia a dia, precisava compartilhá-la com os outros e, quem sabe, dividir também os mesmos sentimentos que tantas vezes passaram do meu coração para o papel. Escrever o *Lua de Sangue*, conforme o texto da orelha do livro, tornou-se “*uma lei, um imperativo tão forte, quase uma ordem divina inescusável*”. Essas palavras não foram um exagero.

Não foi só Elise Stein que sofreu uma transformação. O esboço original se alterou bastante desde quando tive a primeira inspiração para o romance. Depois que concluí meu trabalho, eu também mudei como pessoa. E, em não raras ocasiões, voltava meu coração para aquela idílica casa no campo, afastada alguns quilômetros de Avem, em que tudo aconteceu. Sim. Tudo aconteceu lá. Adianto que ainda há mais coisas para serem contadas e explicadas, por exemplo, o que está por trás da súbita ligação entre Elise e seu protetor. Embora a continuação dependa de tantos fatores que me fogem por completo e não quero pensar nela por hora.

Vou narrar duas cenas de bastidores que considero importantes. A primeira é que não foi complicado imaginar Avem. Era a descrição aproximada de minha cidade com muito mais frio do que normalmente faz e que desejaria que fizesse, além da neve que até então, infelizmente, nunca caiu por aqui. A licença poética supriu essas “falhas” da natureza.

A segunda é que, quando estava na presença de amigos e familiares, meu olhar era tão distante quanto o do protetor no fatídico dia em que se encontrou com Elise. Recebia, por causa dessas divagações, censuras merecidas e me desculpava dizendo que estava em Avem. E sair de lá foi uma resolução mais fácil de tomar do que de cumprir. O livro pronto foi parte do cumprimento.

Entretanto, não quero deixá-los aborrecidos com uma linguagem afetada, nem insistir em permanecer na presença de vocês além do necessário quando o principal, que é o texto em si, está terminado, “em mãos” como se costuma dizer e *oficialmente* com um ano de vida. E agora o texto não pertence totalmente a mim, uma vez que ninguém é proprietário dos sentidos. É seu também para o bem ou para o mal.

O máximo que posso fazer quando ler interpretações malucas – oh, elas existem aos borbotões, até sobre as obras mais rígidas! - é lamentar. Não acho correto ficar a todo instante protegendo meus personagens, nem o enredo de eventuais e inevitáveis críticas maliciosas. Eles devem se defender por conta própria, ainda que espere que você os ame tanto quanto eu, o que ajuda a ter uma atitude benévola diante dos erros.

De plano, agradeço ao trabalho gráfico maravilhoso desempenhado pela Editora e todas as pessoas que a compõe, em que mal damos a devida gratidão, salvo quando lemos seus nomes no verso da página. À minha família, sem cujo amor e dedicação esse livro não aconteceria. Aos amigos, sobretudo àqueles que leram o rascunho e elogiaram quando não existia razões mínimas para tal. Talvez por um afeto heróico em relação a mim.

Ao colégio onde estudei pelo incentivo conduzido por minha *eterna* – não exagero de novo - professora de Literatura. A todos que me ajudaram a encontrar o caminho, em especial, a uma freira muito querida que me inspirou uma personagem carismática. À minha afilhada que, se não fosse a doença que a levou tão depressa e nova para o mundo espiritual, provavelmente gostaria de ler essa história quando fosse mais crescida. À minha sobrinha, homônimo da protagonista, que, sem dúvidas, trouxe e traz tantas alegrias como Elise com Judith. E, por fim, à sua loucura que foi, a toda evidência, minha fiel escudeira.

Com amor,

Cris Eliot.

PS. Prometi uma surpresa. Promessa é dívida, não é mesmo? Sei que o que farei agora é uma “invasão” na sua esfera imaginativa, mas cedi à tentação de anexar a essa mensagem as imagens em que me baseei para criar meus personagens. Diversas vezes, pausei a escrita e olhei para essas fotos com o objetivo de descobrir como seria a reação de cada um. Coloquei mais ou menos na ordem que aparecem e sem os respectivos nomes, mas a descrição no livro é suficiente para saber quem é quem. Além do mais, não quero ser desmancha-prazeres.

## PERSONAGENS









